

Transformações nas estruturas familiares

Maria Manuela da Silva

A partir da segunda guerra mundial têm-se desenvolvido muito os estudos relativos à Família. Dir-se-ia que um conjunto de estudiosos de diferentes especialidades do saber - antropologia social, sociologia, psicologia, filosofia do direito, etc. - encontraram na realidade familiar um campo novo aberto às suas investigações. E com efeito assim sucede.

Não só no passado a Família não constituiu objecto de estudo teórico nas perspectivas atrás apontadas, como o facto de terem surgido situações completamente originais em relação ao passado constitui agora um pretexto e um estímulo aos estudos referidos.

Nesta linha de interesse dos investigadores pelas transformações da realidade familiar, transformações já operadas ou em curso, vem agora situar-se um conjunto de trabalhos publicados num número recente da *Revue Internationale des Sciences Sociales*, da UNESCO¹.

Os trabalhos seleccionados para figurar nesta revista reflectem duas das coordenadas em que se têm definido os estudos sobre a Família: os aspectos gerais ou de macro-análise (incluindo nestes a análise das transformações da estrutura familiar decorrentes da evolução social em curso) e os aspectos particulares ou de micro-análise (relações pais-filhos; harmonia conjugal) e instabilidade familiar, etc).

Nesta nota faremos uma referência mais desenvolvida apenas à situação da investigação internacional sobre a estrutura familiar, baseando-se nos trabalhos publicados na citada revista.

Os primeiros estudos que se empreenderam acusavam uma preocupação comum: estabelecer comparações entre situações familiares existentes em sociedades diversas e fazer salientar aspectos gerais comuns às diferentes situações. Baseavam-se estes estudos nas descrições de viajantes e missionários e, como é óbvio, só por excepção atingiam o cunho científico que pretendiam ter, não admirando consequentemente que o progresso do

¹ *Revue Internationale des Sciences Sociales*, vol. XIV, n.º 3, 1962.

conhecimento nesta fase se conseguisse sobretudo através da polémica estabelecida entre os diversos autores de opiniões contraditórias.

Os progressos que entretanto se foram fazendo nas técnicas de análise social em geral - inquérito, entrevista, observação dirigida, etc. - muito contribuíram para que, a partir de 1930, os estudos sobre a família passassem a incidir sobre colectividades de dimensões mais restritas.

O próprio conteúdo dos estudos realizados modificou-se. Em vez do interesse pelas formas institucionais da família começaram a surgir com maior frequência trabalhos sobre os processos de interacção no seio do grupo familiar. Não se infira daqui que tenha cessado por completo o interesse votado às comparações entre tipos de famílias em diferentes civilizações. Pelo contrário, tal interesse permanece simplesmente orientado agora de maneira diferente - mais fundamentado, do ponto de vista científico e coexistindo com estudos de outra índole.

No trabalho de Reuben HILL realizado com base numa consulta pessoal feita a cerca de 40 sociólogos tendo já participado em um ou mais estudos sobre situações familiares comparadas, este autor menciona quatro tipos de projectos de investigação:

1. Estudos sobre estruturas familiares efectuados com vista a pôr em relevo as normas interculturais existentes nas diversas sociedades.
2. Estudos comparados sobre certas estruturas familiares efectuados por especialistas estrangeiros em vários países, comportando trabalho de campo» mas fazendo um apelo muito reduzido à iniciativa e colaboração dos próprios indivíduos.
3. Estudos comparados realizados sob a orientação de um perito, mas com a colaboração de diferentes pessoas previamente treinadas em técnicas de inquérito.
4. Estudos comparados efectuados por equipas cujos membros trabalham em diferentes países com base numa amostragem cientificamente estudada.

Cada um destes métodos apresenta vantagens e inconvenientes particulares cuja ponderação depende do objectivo concreto que se tem em vista.

Nos estudos deste tipo um dos problemas que se põem ao investigador é o de assegurar a colaboração das próprias famílias que vão ser inquiridas. Se é

certo que nos Estados Unidos, por exemplo, não apresenta qualquer dificuldade conseguir-se a adesão das famílias ao inquérito e bem assim conseguir delas todos os elementos de informação necessários, já o mesmo não sucede em países com outros tipos de civilização, onde um inquérito sobre a família é considerado uma ameaça séria, ou mesmo uma violação da intimidade familiar. Há por isto um razão pragmática que joga a favor de equipas de estudo em que tomem parte elementos da própria colectividade a inquirir.

Outro aspecto que tem interesse considerar é o intuito com que se apresenta hoje a metodologia da investigação internacional sobre a família. Em que termos se situa essa investigação? Ou, dito de outro modo, trata-se de uma investigação prescritiva (orientada para a avaliação e a acção), descritiva (visando o relato dos factos simplesmente) ou analítica (comportando uma explicação das causas e consequências)?

São os seguintes os resultados da observação empreendida por Reuben HILL:

- os trabalhos de europeus e asiáticos têm um carácter mais prescritivo e, ao contrário dos americanos, concluem sempre por fazer algumas recomendações;
- cerca de metade das publicações belgas e um quarto das alemãs apresentam um cunho prescritivo-avaliativo, quando apenas menos de 1/10 dos estudos holandeses e franceses e uma percentagem ainda inferior dos estudos americanos acusam esse carácter normativo;
- mais de metade dos estudos realizados por especialistas da Europa e da Ásia têm carácter descritivo; são os investigadores americanos que se encarregam principalmente de explicar o comportamento dos sujeitos, que procuram determinar a linha de sucessão dos fenómenos observados, a sua correlação e co-variância (estudo de tipo analítico).